

O FAZER HISTÓRICO GAUCHE ENTRE A REALIDADE E A UTOPIA

Valdir de Oliveira Calixto

Solicitado a escrever uma espécie de relatório-depoimento, tetemunhando minha vivência - experiência como professor e pesquisador, incluindo nes trajetória alguns semestre em que atuei como professor visitante, portanto em plena aposentadoria, confesso que hesitei.

Sim, hesitei, não por discordar da oportuna iniciativa dos diretores-organizadores da Revista Jamaxi em reunir depoimentos de professores, não somente daqueles em pleno exercício acadêmicos ou já aposentados como eu, mas também, incluindo, numa justa homenagem post-mortem os nomes de professores que “partiram antes do combinado”

Então, por que a hesitação? Em primeiro lugar, porque não gostaria de transformar este depoimento numa longa, minudente e monótona narrativa alusiva à minha trajetória acadêmica. Em segundo lugar, porque, de forma alguma desejaria que esta justa lembrança dos 40 anos de criação do Curso de História viesse a ser celebrada como festiva.

As efemérides costumam ser empáticas a uma compreensão do mundo comprometidas com exaltações de feitos de indivíduos ou instituições, manipuladoras da memória e vulgarizadoras da história, esta concebida simplesmente como sequenciais relatos, de fatos. Assim, jamais aceitaria produzir um depoimento à maneira de um esmiuçado autoelogio de minha vivência acadêmica. Mas...como escapar ao relato da simples enumeração de títulos e realizações extraídos de maçudos e frios currículo-vitae exigidos pelo poder educacional de plantão?

Como produzir um depoimento que, discordando da euforia dos évenements (acontecimentos), seja uma exposição ética, politicamente democrática e, por que não, também estética, pois que, desde há muito, o discurso historiográfico, libertando-se do domínio exclusivo de Clio, - a musa encarregada de registrar e eternizar os feitos de Zeus - vem valorizando outras musas que cantam e dramatizam poemas?

Eureka! Uma solução. Contextualizar.

Mas...contextualizar, neste caso em que é o próprio depoente que “discursa”, que não somente “viu” ou “ouviu dizer” como Heródoto; um depoente professor e pesquisador que, ante as conjunturas do contexto jamais permaneceu inerte como o olhar eterno da esfinge, exige assumir posicionamentos conformadores de sua visão de mundo.

Contextualizar, repito, no caso presente, não se resume à simples narrativa de fatos, de acontecimentos, pois que estes e o próprio narrador, encontram-se numa relação sujeito > sujeito e não sujeito>objeto.

É no bojo desta relação sujeito>sujeito, numa densa e muitas vezes tensa construção da visão-consciência de mundo que o sujeito, neste caso o depoente, vivenciando o contexto que é social, cultural e político, - não me refiro aqui tão somente a filiações ideológico-partidárias - imprimirá sentido à sua existência.

Num poema que aqui reproduzo integralmente, não só para satisfação de possíveis curiosidades, Carlos Drummond de Andrade, poeta da escola do movimento modernista, oferece, com fina verve, uma versão, com certeza pilhérica, do que, à falta de outro termo, chamarei visão gauche de mundo

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: vái, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do – bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.
Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

De Alguma poesia (1930)
Carlos Drummond de Andrade

O primeiro terceto do poema, sua primeira face, anuncia, obviamente em tom de galhofa, que a um ser, certamente não divino, mas um “desses que vivem nas sombras” caberia traçar o destino de Carlos, ordenando-lhe que se tornasse gauche na vida.

Não resta dúvida que este ser ao qual o poeta se refere é o mesmo mencionado no texto bíblico: Isaias 14: 12-15, Ezequiel 28: 17-18, Apocalipse 12: 7-9 e Lucas 10: 18. Este ser-anjo era um querubim criado por Deus, anjo poderoso e belo, pleno de luz, por isto Lúcifer. Por seu orgulho, querendo equiparar-se a seu Criador, inclusive contestando-O, foi punido com a expulsão do Paraíso Celeste, tornando-se Satanás, o opositor, o contestador, o “contrário” a Deus.

No poema, Drummond denomina-o anjo torto, que vive nas sombras, esquecendo-se (?) que em sua origem era Lúcifer, um anjo intensamente luminoso e que não vivia na sombra, pelo contrário, vivia no Paraíso Celeste.

Ora, é evidente que, da boca de semelhante ser que vivia nas sombras, nada poderia ser perfeito. Assim, quando no poema “o anjo torto” ordena: “vai Carlos! Ser gauche na vida”, - o termo gauche em francês significa esquerdo/a - estava vaticinando que Carlos deveria ser como ele, ser gauche, ser torto, ser imperfeito, ser opositor na vida. Cumpriu-se o vaticínio do anjo? O Carlos, personagem do poema e outros homens que também podiam usar “óculos atrás dos bigodes” e outros, Raimundos, cujos podiam constituir-se uma rima, mas não uma solução, se tornaram gauches na vida? Não podemos saber.

Sabemos sim que ninguém nasce gauche na vida, pois tal condição resulta da consciência que se vai construindo ao longo da vivência, notadamente a vivência política em contextos sociais e culturais, no “vasto vasto mundo”. Foi o caso do próprio Carlos Drummond de Andrade que, depois do Estado Novo chegou a integrar as fileiras do Partido Comunista do Brasil- PCB.

Foi assim. Vivendo no contexto dos “anos de chumbo”, anos de vigência do Ato Institucional nº 5, que, já estudante de história na Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor em colégios suburbanos, fiz-me “gauche na vida”, não por determinação ou ordenamentos de anjos, tortos ou perfeitos, mas por ousar opor-me a discursos e práticas odiosas de autoritarismo, viessem de onde viessem; discursos e práticas mentirosamente democráticas que, de modo quase insano, costumam dizer que, para se chegar ao poder, todos os meios são válidos.

Final de novembro de 1979. Acabara de defender uma dissertação de Mestrado, cujo título “*O clero secular em Minas Gerais: sua participação na conjuração de 1789*”, causou certa estranheza a muitos colegas gauches, fora, e no próprio interior do mundo acadêmico. Seguramente pensavam, não sem certa razão: como poderia um “gauche na vida”, um gauche historiador, crítico do establishment, se interessar por pesquisar um segmento da classe dominante, isto é clérigos seculares atuantes num movimento libertário, anticolonialista, como a Inconfidência do século XVIII em Vila Rica? Qual a motivação para semelhante opção? Resposta: compreender, a partir da análise criteriosa de documentação primária e bibliografia especializada, o porquê do envolvimento do clero secular num movimento considerado de alta traição.

Sem mais detalhes, a questão de fundo era a Conjuração, a resistência à dominação. De um modo geral, entre historiadores que se debruçaram sobre a temática da Conjuração Mineira, como por exemplo Kenneth Maxwell, autor da importante obra: *A Devassa da Devassa*, não há discordância quanto o entendimento de que a divisa *libertas quae sera tamen*, (liberdade ainda que tarde), inscrito na bandeira dos conjurados, contou, pelo menos, com o assentimento do segmento mais esclarecido do clero secular de Vila Rica.

Foi assim que, em pleno contexto do Ato Institucional nº 5, menos de um mês após a defesa da dissertação de Mestrado, recebi uma carta originária de Rio Branco. Escrevera-a um estimado colega dos bancos de Mestrado, acenando-me com a real possibilidade de vir a integrar o corpo docente do Curso de História na Universidade Federal do Acre.

Sorri. Este era um sonho, acalentado por todos os recém graduados Mestres. Compreendi que, em aceitando a proposta, um outro capítulo da vida viria a ser escrito, ou melhor, vivenciado numa região inteiramente desconhecida não somente por mim, mas pela maioria de colegas do curso de Mestrado que, com indisfarçável sorrisinho arrogante, perguntavam: onde fica o Acre? No fim do mundo?

Um mapa. Por favor consigam-me um mapa!

Lá estava. Acre: localizado no extremo oeste amazônico, cortado por rios caudalosos e sinuosos: densas florestas ainda habitadas por nações-comunidades índias, algumas delas com poucos contatos com o mundo dito civilizado. No mapa, algumas principais cidades assinaladas (Rio Branco, a capital, Cruzeiro do Sul, Tarauacá, Xapuri e outras não menos importantes).

História? Nenhuma informação. Durante os meus cursos superiores – Licenciatura Plena e Bacharelado, jamais a Amazônia – o Acre em particular- fora região sequer rascunhada nos planos de curso de professores doutores, mesmo os especializados em História do Brasil.

No Curso de Pós-Graduação – Mestrado da Universidade Federal Fluminense havia pelo menos um historiador, aliás de naturalidade amazonense, o renomado Artur Cezar Ferreira Reis, a quem presto aqui minhas sinceras homenagens póstumas. Além de ter aceito ser meu orientador no projeto de Mestrado acima referido, rendo-lhe eterna gratidão por estimular-me a vir trabalhar na Universidade Federal do Acre.

Lembro-me bem das várias vezes em que o procurava em seu Gabinete do Ministério da Educação com os manuscritos de capítulos da dissertação. Naquelas ocasiões, o professor, ao ler os textos ainda manuscritos, sorria um sorriso amigo e estimulante. E sempre dizia referindo-se ao clero secular de Vila Rica: esses padres...!

Malas prontas, uma delas repleta de livros. Mãe, esposa e irmã levaram-me ao Aeroporto do Galeão. Choros de despedida. Chegara a hora. Por vez primeira faria uma viagem aérea. No ar, após horas de voo, adentrando espessas nuvens, a aeronave sacudia-se: era a turbulência. O coração batia forte. Pousou, alívio. Curiosamente, uma olhadela pela janelinha, conseguindo ler com certo espanto Aeroporto Garrastazu Médici!

Desembarquei. Ninguém a me receber, pois houvera modificação na data de chegada sem que eu pudesse avisar.

Peguei a bagagem, tomei um táxi. Papelzinho na mão, disse ao motorista: hotel Chuí, por favor. Para surpresa minha não havia reserva neste hotel em meu nome. Perguntei ao balconista do hotel onde ficava a Universidade. Pela informação, constatei que o prédio se nomeava Faculdade de Educação e ficava a alguns metros do hotel Chuí. Entrei. Onde fica o Departamento de História? Apontaram-me uma minúscula sala. Apresentei-me à única pessoa por lá naquele momento. Era a professora Francisca Leite Ferreira, a inesquecível professora França, esforçada e vibrante professora do recém-criado Departamento de História.

Recordo-me bem de seu sorriso franco e acolhedor. Animei-me, pensando: seria, como eu, gauche na vida? Fui logo explicando que meu nome não constava da lista de reservas do hotel Chuí. Gentilmente, a professora acompanhou-me, então, até ao Hotel Inácio e aí confirmou-se a reserva.

Entro no apartamento, abro as malas, inicialmente aquela repleta de livros. Olhar de espanto da professora ao notar que autores e títulos das obras não lhe eram familiares. Eram livros de História do Brasil, em particular história republicana, História Antiga, História Medieval, História

Contemporânea, alguns outros de sociologia, economia política e filosofia e, como de praxe, um exemplar de minha dissertação de Mestrado para ser doado à biblioteca da Universidade.

Em meados de março de 1980, principiei minhas atividades como professor: deram-me uma pequena turma, alocada numa minúscula sala, localizada no prédio do atual Colégio de Aplicação. Curso de Economia, 3º período para o qual eu deveria lecionar História contemporânea. Surpreso, logo percebi, sorrindo, que o “anjo torto”, espreitando, já passara por ali, pois não estranharam o enfoque teórico das aulas.

Campus da recém federalizada Universidade. Primeira reunião com professores de história e geografia. Não foi difícil perceber que o “anjo torto” não conseguira convencer a todos que “fossem gauches na vida”. Gauches eram, certamente, alguns professores de história, um ou dois professores de geografia e os demais, ou não definidos como gauches, ou decididamente contrários à visão gauche do mundo e da história.

É bom lembrar que os preceitos do AI-5 estavam em vigor!

Já no Campus Universitário, coube-me lecionar para uma turma, - feminina em sua maioria - que finalizava o 8º período de Estudos Sociais. Ao contrário do que havia percebido na turma de Economia, os olhares, entre curiosos, bondosos e assustados, diziam-me que ali o “anjo torto” nada conseguira, nem provavelmente conseguiria. Não foi nada fácil ter que lecionar História Medieval a partir de uma bibliografia não didática. Uma experiência inusitada para um professor recém chegado de um meio sócio - cultural bem diferenciado. Precisei aprender. Aprendi e tornamo-nos, eu e os estudantes, amigos.

A trajetória de professor, “gauche na vida” não por determinação malandra do “anjo torto”, ou de quaisquer anjos celestialmente perfeitos como mencionado alhures, pôde, finalmente e com ênfase, ser iniciada. Em Assembleia Departamental fui indicado para lecionar também, mas agora para uma turma de história, a disciplina História Medieval.

Contente, logo dei-me conta de que, entre alguns estudantes, havia os “gauches da vida”, claro que não os da pilhéria de Drummond, mas gauches reais, poetas libelus (da tendência estudantil trotsquista Liberdade e Luta) e gauches de outras tendências, inclusive anarquistas.

Também ali houve embates, apesar de afinidades gauches. Houve resistências, talvez não contrárias ao enfoque, mas à metodologia adotada nas aulas, onde a referência bibliográfica principal era um autor cuja linguagem tornara-se um verdadeiro tormento para os estudantes. O autor, Maurice Dobb, a obra: Evolução do capitalismo. Mas, apesar de alguns contratemplos com um ou outro estudante que se julgavam a inteligência em pessoa, seguimos em frente.

Posteriormente, lecionei disciplinas de cunho mais teórico, como Introdução aos Estudos Históricos e, mais adiante, Teoria da História, ambas anterior e magistralmente lecionadas pelo admirável professor Rômulo Garcia de Andrade sobre o qual falaremos mais adiante.

O trabalho com as citadas disciplinas foi, ao mesmo tempo, um prazeroso desafio e aprendido, também para mim, pois logo compreendi que não havia apenas uma teoria da história, mas várias, o que me obrigava a leituras aprofundadas de outras disciplinas como filosofia, sociologia, economia política e até literatura, bem como uma cuidadosa atenção com a metodologia a ser adotada nas aulas e avaliações. Tal era necessário, não para doutrinar, mas para ampliar, aprofundando, a consciência crítica dos estudantes do valoroso curso de história.

Um ano após a minha chegada, um inesperado desafio. Escolhido pela Secretaria da Educação para coordenar um projeto destinado a escrever uma história do Acre, o professor Rômulo procurou-me e, dizendo-se não estar interessado em aceitar o convite, estimulou-me a substituí-lo.

Surpreso indaguei: como, se nada sei da história regional– local? Ao que Rômulo, em réplica respondeu: você dê seu jeito, pois não podemos rejeitar uma proposta oriunda do Estado. Não seria bom para o Departamento. Pensei um pouco... terminei aceitando.

Assim nasceu o livro *Acre: uma história em construção*. Um termo do título – construção – inspirou-se na frase do historiador Pierre Villar: “a história é uma história em construção”. Convidei, então, para dar início aos trabalhos de pesquisa, dois ex-alunos, dois excelentes alunos do Curso de História em fase terminal do Bacharelato, para não somente auxiliarem, mas tornarem-se co-autores da obra em questão.

Foi outro aprenizado, literalmente um aprendizado. Foi preciso valer-me da experiência de leituras teóricas e manejo das fontes primárias adquiridos ao longo de meus cursos de Licenciatura, Bacharelado e Mestrado em História do Brasil, para capacitar-me ao desafio posto. Foi gratificante o diálogo entre os pesquisadores, diálogo, sem dúvida facilitado, pois que Josué Fernandes de Souza e José Dourado de Souza, além de já possuírem elevado senso histórico-crítico, traziam para a discussão, nas sessões de trabalho, muito de suas experiências culturais vivenciadas em seus Municípios de origem: Josué era de Xapuri e José Dourado de Tarauacá.

A pesquisa contou, também, com a preciosa colaboração do professor da área de Antropologia, Jacó Cezar Picolli. Por fim, após alguns mínimos contratemplos que não vale a pena mencionar neste relato-depoimento, o livro foi publicado e muito bem recebido, não só pela comunidade secundarista e universitária, mas por amplos setores da sociedade acreana em geral. Em seguidos vestibulares para ingresso na Universidade, *Acre: uma história em construção* constou na bibliografia dos Editais. Uma satisfação a mais para seus autores, Valdir de Oliveira Calixto, Josué Fernandes de Souza, este já falecido, e José Dourado de Souza.

Foi assim. Enquanto prosseguia no árduo, mas prazeroso enfrentamento do desafio, isto é, orientar teórica e metodologicamente o livro acima citado, ao mesmo tempo desempenhava minhas atividades normais de professor. Nos semestres subsequentes interessei-me lecionar a disciplina História Moderna I e II, cujos planos de curso deveriam abranger o período do século XVI ao XIX. Não foi por mero diletantismo intelectual que fui interessando-me cada vez mais pela disciplina referida.

A partir de leituras de historiadores, filósofos e sociólogos críticos da modernidade e civilização à direita e à esquerda, acalentei o desiratum de, através da leitura atenta de autores e obras considerados clássicos, ousar conhecer, como diria Immanuel Kant, o posicionamento de vários intelectuais frente ao Novo Mundo do capital que emergia.

Pretendia compreender e estimular a compreensão dos estudantes do porquê alguns terríficos embates de visões de mundo divergentes resultarem ou na expressão de maravilhosas obras utópicas, ou no cadafalso das guilhotinas e das fogueiras da Inquisição.

Nesta disciplina trabalhei com obras de época, desde *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões, Rabelais, Gargantua e Pantagrue, Erasmo de Roterdã, *Elogio da Loucura*, Thomas Morus, *Utopia*, Condorcet, *Ensaio de um quadro histórico do espírito humano*, poetas e escritores ingleses como Charles Dickens, Daniel Defoe, Jonathan Swift, além de bibliografia especializada abordando temáticas desde o século XVI às Revoluções Francesa, Americana e Industrial. Inesquecíveis aulas em que, bem sei, muitas vezes, ante às exigências do professor, as atitudes dos estudantes variavam entre enfrentar o desafio do “sabere aude” (ouse conhecer) kantiano, ou até, para desgosto do professor, trancar a matrícula na disciplina.

No campo político também atuei, não com a veemência e envolvimento “apaixonadamente” gauche de inesquecíveis professores doutores como Rômulo Garcia de Andrade e Élio Garcia Duarte. A eles devo, e não a anjos tortos ou perfeitos, o despertar para a gravíssima questão social e política alusiva aos confrontos sociais e políticos dos “empates”. Confrontos entre, de um lado, gananciosos fazendeiros e, de outro, trabalhadores rurais residentes em seringais localizados, principalmente, em Xapuri e Brasileia.

“Gauches na vida”, eu e o saudoso professor Elio, chegamos, inclusive, a elaborar um projeto – *História da ocupação da terra no Acre* – cujo objetivo, para além da Academia, era pesquisar, na documentação arquivada no INCRA – nas cadeias dominiais – como se dera o processo de transmissão e titulação das propriedades. Digo, para além da Academia, pois que pensávamos oferecer subsídios aos trabalhadores rurais que precisavam obter suporte, inclusive jurídico, no tremendo combate à fúria de ambiciosos proprietários. Mais um projeto não concluído por dificuldades de obtenção de financiamento.

Como se pode inferir da leitura feita até aqui, a década de 1980, foi um marco em minha vivência e experiência como professor e pesquisador alocado no Departamento de História.

Em princípios do primeiro semestre de 1981, um fato, digno de figurar como inaudita tragédia nos Anais da Universidade, especificamente relacionado ao Departamento de História, foi a arbitrária demissão do professor Rômulo, então chefe do Departamento citado. Verdadeira tragédia! Professores e estudantes comovidos e indignados protestaram. Decretou-se a primeira greve estudantil da UFAC. Corajosamente - não esquecer que os olhos e armas do AI-5 vigiavam atentamente – professores, representantes sindicais, representantes da União Nacional dos Estudantes – UNE-, centenas de estudantes, não somente do curso de história, saíram em passeata, elevando bem alta a voz contra o arbítrio antidemocrático.

E o Departamento, acéfalo de seu diretor, precisou seguir, mesmo na mágoa e no constrangimento, suas atividades...Tempos difíceis. Nas assembleias do Departamento e nos corredores da Universidade, o clima era de apreensão entre professores e estudantes, pois que não se sabia o que esperar de futuras decisões administrativas superiores.

Final da década de 1980., precisamente, 22 de dezembro de 1988. Chico Mendes é assassinado em Xapuri. Comoção não somente no Acre, mas internacional. Eu viajara alguns dias antes, autorizado pelo Departamento a concorrer à seleção para o Doutorado, tomando conhecimento do trágico acontecimento apenas através dos meios da imprensa: rádio, televisão, jornais.

Aprovado na seleção para iniciar o doutorado em 1989 na Universidade de São Paulo – USP- concluí os devidos créditos e defendi a tese doutoral em fins de 1992. O tema da tese: *Aquiri (1898 -1909) os patrões e a construção da ordem*. O título bem demonstra minha preocupação, ou melhor, minha opção pela história em sua dimensão social e política, analisando, com destaque, o processo do que denominei construção da ordem, desejada e articulada pelos patrões (ricos proprietários de seringais), ou seringalistas como preferia denominar a historiografia mais tradicional.

Já doutor em História Social, retornei ao Acre. De 1993 a 1996 dei continuidade as minhas atividades como professor. Retorno ao “vasto mundo” do interior acreano. Muitos alunos Raimundos cujos nomes, naquele “vasto vasto mundo”, de diversa etnia, com certeza constituíam uma rima, mas não uma solução. Em Sena Madureira lecionei para uma turma (Que saudade!) onde havia, inclusive, alguns índios da nação Kaxinauí renomeados com nomes cristãos.

Em 1996 elaborei um projeto para ser desenvolvido na denominada licença cujo título *As fontes de Clío: memória e pensamento na Grécia (séculos VIII a V a.C.)* causou certo frenesi na

Assembleia Departamental. Um projeto com esta temática era um absurdo, mesmo um escárnio alteou-se uma determinada voz! Em defesa da proposta argumentei: 1º) muito embora concordasse ser a história-regional-local uma prioridade indiscutível, o Departamento não deveria fechar-se à possibilidade de outras linhas de pesquisa que não as de história regional, pois afinal não constituíamos um Departamento de História? 2º) Projetos na área de História Antiga poderiam ser viáveis contando com a parceria do Departamento de Letras que mantinha em sua grade curricular disciplinas como Latim e Grego, lecionadas por professores de comprovada competência. A discordância então deu o xeque-mate: não há possibilidade de licença sabática por falta de recursos orçamentários. Fui vencido.

Mas não desisti. Reformulei o Projeto, intitulando-o *Mito e logos na Grécia (século VIII-V a. C). Heródoto e o nascimento da História*. Enviei-o ao Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra para avaliação e possibilidade de início de um Pós-Doutoramento. Em março de 1997 veio a resposta. Numa carta-convite, o professor-doutor José Ribeiro Ferreira, colocava-se à minha disposição para orientar-me na pesquisa pretendida.

Apresentado o aceite, requeri autorização departamental para dar início ao Pós-doutoramento. Não foi negado. Consegui obter da administração superior passagens de ida e volta Rio Branco-Lisboa, Lisboa-Rio Branco, sem nenhuma outra vantagem. Agradei e aceitei, pois refleti ser aquela uma oportunidade de, estando na Europa, estabelecer contatos com especialistas da área, usufruir do riquíssimo acervo documental-bibliográfico da biblioteca do Instituto de Estudos Clássicos. Sugeri aos órgãos superiores da UFAC que, se houvesse interesse, eu poderia levar propostas de intercâmbio cultural junto às Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto. Assim foi feito.

Coimbra. Encontro com o professor orientador que logo encaminhou-me à Biblioteca setorial do Instituto de Estudos Clássicos. Mãos à obra! Em primeiro lugar, um levantamento cuidadoso de autores e obras disponíveis e relacionadas à minha temática. Em seguida 8 horas por dia de leitura e anotações-resumos das obras estudadas.

Terminada a permanência em Coimbra, usei auto premiar-me com uma viagem à Grécia, uma curta viagem ao encontro de uma cultura milenar. Assim, além de Atenas, onde visitei a Universidade, o Museu e o Partenon, conheci também os sítios arqueológicos de cidades como Olímpia, onde se encontra o primeiro estádio olímpico do mundo, Epidauro, com magnífico teatro ao ar-livre, a mitológica Micenas e Delfos, onde se encontra o templo de Apolo, local das numinosas predições da Pítia.

Retorno ao Acre. Retomada das atividades: aulas, orientações de monografias do Bacharelado e Licenciatura. Cargos de Chefia do Departamento “a contar de 3 de dezembro de 1997” e entre março de 2002 a março de 2003.

Aposentadoria em 2003. Retorno à Universidade como professor visitante, lecionando, na sede e nos Municípios as disciplinas Teoria da História e História Moderna I e II. Lembro-me bem de muitos Raimundos moradores no “vasto vasto mundo” interiorano. Raros “gauches na vida” a não ser militantes do Partido Comunista do Brasil - PC do B, do Partido dos Trabalhadores e raríssimos anarquistas.

Para concluir, algumas considerações sobre o que penso, hoje, ser gauche na vida. Por que hoje? Como, poderão alguns exclamar, o ser gauche do passado não é mais o gauche do presente? Alguns anos se passaram, as conjunturas mudaram, mas não os princípios fundadores de minha visão-consciência de mundo. Professor já bem distanciado do mundo da Academia, continuo o bom combate pela ética, liberdade e autêntica democracia.

O ser gauche na vida é, antes de tudo, assumir uma atitude ética perante a vida, melhor dizendo ante o “mundo vasto mundo” em que todos vivemos. Ser gauche não requer, necessariamente filiações partidárias que se proclamem gauches, mas que desprezam preceitos éticos.

Ser gauche é ser tolerante com o ser outro, com o ser não gauche. Mas...uma ressalva: ser tolerante não significa ser passivo ante o pensar subjetivo do “é proibido proibir”, calcado numa falsa ideia de liberdade que se transmuda ora em autodestruição, induzindo à construção de uma sociedade apolítica, quero dizer sem respeito à polis que se quer autenticamente democrática.

Ser gauche é, pois, respeitar o ser outro, o ser não gauche. É respeitar a diversidade étnica e cultural. Mas...outra ressalva: respeitar o ser outro não significa ser passivo, ser inerte ante as insanas investidas de mentes doentias daqueles que não se importam em destruir: ser gauche é não aceitar, como se servos voluntários fossem, as imposições antidemocráticas do Estado, venham estas da direita, da esquerda, do centro, de todos os ângulos que apregoam discursos falsamente democráticos.

Ser gauche é saber-se não ser dono da verdade, pois que esta, como a liberdade, emerge do fazer-se socialmente humano na história.

Ser gauche é, não só preocupar-se, mas agir contra a destruição do meio ambiente; é repudiar ideologias estranhas à construção de uma autêntica sociedade democrática; é empenhar-se para que a verdade, o bem e o belo humano triunfe sobre a escuridão; é combater sempre a tirania venha de onde vier; é denunciar atitudes corruptoras e transações corruptas sem necessariamente empunhar bandeiras de quaisquer cores. Eis exemplos de posturas gauche perante a vida.

Carlos Drummond de Andrade e muitos outros poetas, historiadores, filósofos, sábios da ciência e teólogos, nos ensinaram em tempos idos, e ainda nos ensinam em tempos atuais que o amanhã deverá ser humano em harmonia com o universo e com a humanidade, liberta de todas as opressões, de todos os subjetivismos autodestruidores .. Isto é uma utopia? Mas sem a esperança utópica não haverá amanhã!

Que este depoimento, escrito com a memória, a razão e o sentimento de tempos idos, mas vivenciados também no presente, contribua, não somente para a justa comemoração dos quarenta anos de existência do Curso de Licenciatura em História, mais, também, para o avivamento da memória de tantos que, comigo, vivenciaram o passado.

Que os leitores, em particular os inesquecíveis estudantes gauches e não gauches dos Cursos de História possam relembrar, sine ira et studio (sem ira e sem ódio), os bons dias felizes da convivência acadêmica. Que, como resultado daquela convivência amiga e de diálogo intelectual, possam ter florescido seres gauches ou não gauches superiores ao próprio professor gauche, é tudo que espero.

Valeu a pena?
Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena
Fernando Pessoa

Data de submissão: 23/05/2019

Data de aprovação: 20/06/2019